



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.34182>

Os transeuntes subalternos habitantes das fronteiras: o corpo-político-periférico a partir do sul decolonial

*The subordinate passers-by inhabitants of the borders:
the peripheral-political-body from the decolonial south*

Fábio do Vale (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), **Edgar César Nolasco** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

RESUMO: Neste presente artigo objetivamos – pelos meandros das experivivências latino-americanas – valorar e disseminar a nossa criticidade com e a partir da América Latina. Para esta disposição científica propusemos enaltecer as vicissitudes engendradas no cerne da crítica biográfica fronteira cujo corpo atravessa tensões indevidamente moderno-eurocêntricas. Engendrados na verve do pensamento descolonial enunciaremos percepções críticas outras, não modernas, fazendo do plano epistemológico-subalterno uma discussão erigida também através das nossas experivivências sul-fronteiriças na tríade aliançada por entre as fronteiras: Brasil, Bolívia e Paraguai, eixos que grassam a nossa enunciação. A premissa que nos arrola nesta discussão prefigura a necessidade do diálogo Sul-Sul, ou seja, nossas impressões – concatenadas às nossas criticidades latinas – a partir da perspicua visada não eurocêntrica, logo, descolonial, cuja estirpe crítica deste trabalho por nós será apresentada com o fito-desenlace de fomentar a nossa latinidade crítica entre os países latino-americanos, cuja discussão não parte do centro-moderno, mas da fronteira-sul, nossa América Latina.

Palavras-chave: América Latina; Crítica biográfica fronteira; Descolonialidade.

ABSTRACT: In this article, we aim – through the intricacies of Latin American experiences – to value and disseminate our criticality with and from Latin America. For this scientific disposition, we propose to highlight the vicissitudes engendered at the heart of the biographical criticism of the border whose body goes through unduly modern-Eurocentric tensions. Engendered in the verve of decolonial thought, we enunciate critical, other, non-modern perceptions, making the epistemological-subordinate plane a discussion erected also through our south-border experiences in the triad allied between the borders: Brazil, Bolivia and Paraguay, axes that rage our enunciation. The premise that appeals us in this discussion prefigures the need for South-South dialogue, that is, our impressions – linked to our Latin criticisms – based on the perspicacious non-Eurocentric aim, therefore, decolonial, whose critical line of this work for us will be presented with the phyto-outcome of fostering our critical latitude among Latin American countries, whose discussion does not start from the modern center, but from the south border, our Latin America.

Keywords: Latin America; Frontier biographical criticism; Decoloniality.

De outra sorte, o termo “periférico” também se presta a ambiguidades conceituais. Do ponto de vista espacial, periférico diz respeito à linha que define o limite de uma superfície, demarcando, portanto, a forma e a configuração de um espaço ou objeto. Urbanisticamente a periferia abarca as regiões afastadas dos centros urbanos, em geral habitadas pela população de baixa renda. Trata-se, portanto, da periferia como um espaço também social, um lugar ocupado pelas “minorias”, onde vivem os marginais e os marginalizados da sociedade. A periferia também se reveste de uma conotação política, definida em oposição ao centro, tomado como modelo de desenvolvimento, seja econômico, social ou cultural. Periférico, segundo essa visão, figura como uma condição segunda, uma posição dependente e heterônoma face ao centro. Assim, falar na condição periférica de um país significa situá-lo na relação com um modelo hegemônico, cuja matriz é, via de regra, europeia, responsável pelo estabelecimento de padrões culturais e estéticos, traduzidos a partir das chamadas “línguas de civilização”, sobretudo o francês, o inglês e o alemão (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

O olhar a partir do lócus – espaço – nos demonstra essa propriedade da fala, de contribuição e até mesmo de crítica-literária. Quiçá a criticidade – para se falar do lócus em que habita – se fragilize por não darmos ao ponto de partida bases-genuinamente-epistêmicas. Quando se tem um fechado contexto

¹ Trazemos como importante a necessidade de se explanar que a fronteira-sul aqui em discussão não está atravessada pela questão limítrofes geográfica, mas sim pela condição

consultivo, acadêmico/catedrático, não se pode enxergar outras propostas, a visada para se ter uma pluralidade organizacional do que se almeja requalifica essa proposta observada da periferia, da margem, da fronteira-sul¹ cujo cenário epistemológico circunda as vicissitudes de um homem-fronteira – aquele não habita o centro – atravessadas pela crítica biográfica fronteira incutida – aferições epistemológicas que parte da margem – nas tensões fronteiriças que marcam a identidade latino-americana:

Resta-me dizer que minha opção pelo bios é teórica: uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer, o geostórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia fronteira que se erige daqui (de onde as pesquisas e o “fazer científico” estão sendo propostos), desse lócus específico de uma exterioridade fronteira que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir — *Se es y se siente – soy donde pienso – donde se piensa* (MIGNOLO). Escusado seria dizer que o corpo (meu corpo epistêmico) está plantado no centro de meu lócus enunciativo fronteiro (NOLASCO, 2018, p. 21-22).

Ao passo que observado esse recorte epistemológico percebemos que o corpo-fronteiro – crítico-periférico – arrola a problemática em

epistemológico-científica acendrada pelo recorte da crítica biográfica fronteira versada pelo ancorar descolonial.

questão, ou seja, as tensões fronteiriças. Ser um transeunte-subalterno-do-sul é pensar que minha/nossa *experivivência* (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 80) enunciativa circunda essa tomada do ser epistêmico habitante da fronteira o que nos permite vislumbrar, pois, sendo latino-americano, portanto do Sul, nos valem da proposta de que o nosso corpo-político-periférico servirá como nosso eixo-anunciativo para se promover o diálogo Sul-Sul² com recorte ao que tange a problemática do Terceiro Mundo.

Adjacente ao entorno que buscamos disseminar epistemologicamente podemos dizer que o compromisso crítico-epistêmico para se compreender o olhar *outro* – descolonial – é relançado sempre a partir e com a margem. Isso implica entendermos que o real plano de *modus operandi* quando o centro se estagnou e teve como maneira-única suas concepções epistemológicas, a mudança, ou seja, o olhar não moderno-eurocêntrico emergiu das fronteiras/periferias e para sequenciarmos e valorarmos essa credibilidade marginal entendemos que a libertação das arramas epistêmico-coloniais e culturais dar-se-ão à condição opcional de se buscar teorias e teorizações descoloniais para contrapor a comodidade das vestes eurocêntricas que não nos cabem na condição latino-americana que temos e vivemos por nossas *experivivências*:

² Vemos como necessário explanar a questão do diálogo Sul-Sul para concentração analítico-explicativa que estamos tecendo. Quando propomos/buscamos o diálogo Sul-Sul intensificamos a necessidade dialogal entre os países da América Latina como vizinhos/latino-americanos/críticos para que consiga – cada vez mais – representarmos

La descolonialidad no consiste en un nuevo universal que se presenta como el verdadero, superando todos los previamente existentes; se trata más bien de una opción, de otra opción en el juego solidario y conflictivo de opciones existentes. Presentándose como una opción, lo descolonial abre un nuevo modo de pensar que se desvincula de las cronologías establecidas por las nuevas epistemes o paradigmas (moderno, posmoderno, altermoderno, ciencia newtoniana, teoría cuántica, teoría de la relatividad, etc.) (MIGNOLO, 2015, p. 175).

Ainda que saibamos da genuína opção descolonial, após o conflito-epistêmico com o centro, reordenamos ao que nos cabe – epistemologicamente – pela fronteira, ou melhor, pelo nosso corpo-político-periférico, a importância do (des)vínculo, cuja temática retoma à fórmula-epistêmica do *desteorizar* para *re-teorizar* (NOLASCO, 2018, p. 19). Mas o que deveria ser revisto? Aqui claro, demonstramos que se o centro – pensamento moderno – entrou em conflito pela estagnação-crítico-acadêmica.

Dessa científica-forma *outra*, logo, descolonial, a condição enunciativa dos latino-americanos passaria – sobremaneira – atravessadas pela apreciação do lócus – América Latina – para daqui, (des)cortinando e desobedecendo os moldes modernos, enunciar ancorado pelas *experivivências*, para assim, falar

deveras a latinidade crítica nossa como latino-americanos afastando-nos, para necessidade local, dos engendrados conceitos eurocêntricos para enaltecermos a cultura/crítica/identidade nossos sulistas, esses, latino-americanos críticos-descoloniais para que consigamos promover a nossa latinidade epistêmica.

com e a partir do Sul. Esse processo ao qual tecemos e vislumbramos temos conceituado como (des)britanizar, ou seja, enunciar de onde se vive, sente, pensa e observa. Esse conceito dispensa a ideia de padrões inalteráveis, como por exemplos, ser britânico no horário para o início de uma reunião vez que na Inglaterra altos-rigores reverberas ao mundo – mesmo que culturalmente – instinto perpétuo de obediência, ou por notória percepção, sensação de inflexibilidade. (Des)britanizar abarca essa proposta descolonial de não ignorar os ritos – modelos – eurocêntricos, mas proporcionar perspectivas outras que nos possibilitem não apenas falar sobre, mas sobremaneira, enunciar a partir de onde se falar.

Quando então aplicamos essa validada – descolonial – consideração não desprezamos a modernidade, mas a percebemos como contribuinte-histórica, logo, quando tentamos validá-la com essa tomada contemporânea-descolonial, vemo-la como frágil, ou seja, não substanciada para alçar esse voo-epistêmico, esse, que chamamos de perspectiva-contemporânea-descolonial. Nesse prisma, ao vermos a força do homem-fronteira em seu papel de transeunte-epistemológico, aplicamos – enquanto críticos latino-americanos descoloniais – a consciência imigrante pela moldura da epistemologia fronteiriça imbricada no valorar crítico-latino-americano de se enunciar a nossa criticidade, nossa latinidade:

³ Abrimos esse recorte para dispor que – epistemologicamente – o que chamamos de verbo-irregular nada mais é que dizer o quão flexível – criticamente – devemos ser quando

La descolonialidad y el pensamiento/sensibilidad/hacer fronterizos están por consiguiente estrictamente interconectados, dado que la descolonialidad no puede ser ni cartesiana ni marxiana. En otras palabras, el origen tercermundista de la descolonialidad se conecta con la conciencia inmigrante de hoy en Europa Occidental y Estados Unidos. La conciencia inmigrante, consecuencia de las fracturas en la burbuja, se localiza en las rutas de dispersión del pensamiento descolonial y fronterizo (MIGNOLO, 2015, p. 176).

A consciência imigrante *prae-fatio* em sua epistêmica-nomenclatura traz a lume da nossa discussão – latino-americana – um título que bastante deve ser explorado, uma vez que se a proposta do homem-fronteira o apresenta d’ante à margem ou sobre-a-margem é sobre a consciência sensivelmente epistêmica que consideramos – mais a fundo – estar epistemologicamente adentrando. Essa consciente – por nós latino-americanos – proposta contemporânea-decolonial cujo indivíduo – imigrante – para ser percebido, não pode ser visado da condição de centro/moderno – essa já posta na arquibancada pelos latinos-decoloniais – mas sim da proposta periférica que agora migra ao centro-crítico, ou melhor, sul-crítico para rumar esse transeunte subalterno do meu verbo-irregular-arqueável³.

Pela voz subalterna que representamos, consideramos a escritora indiana migrante-norte-americana Gayatri Chakravorty

a nossa opção é descolonial, ou seja, uma forma/maneira outra de se tecer/aferir impressões de onde se pensa (lócus) a partir das relações da vida (*bios*) = biolócus.

Spivak, nascida em Calcutá cuja obra intitulada: *Pode o subalterno falar?* traz também a tarefa sensível de se valorar o enunciado periférico e, sobretudo, a possibilidade de se criar meios ao qual o sujeito subalterno – esse estereotipado por não enunciar do centro – possa falar e também ser escutado ainda que seja chamado de sujeito de Terceiro Mundo. Ainda sobre a consciência do imigrante, apresentamos como condição *sine qua non* que o transeunte supracitado é de veras esse imigrante ou o seu eu-imigrante desse corpo-político-fronteiriço que se manifesta aqui neste trabalho científico. Nesse ínterim de enunciação que parte da margem, da subalternidade, precisamos ressaltar que a tomada epistêmico-fronteiriça emerge do pressuposto para se desprender da criticidade do abrir mão, do afugentamento de prática estagnantes como propor um trabalho sem que o mesmo abarque questões crítico-sinestésicas, portanto eis-me aqui para cumprir esse enaltecimento. Por isso partimos do ponto-epistêmico do pensamento fronteiriço ao que nos toma sensivelmente à problemática que instauramos.

A abertura para o diálogo e a escuta posta aqui pelo referido autor transcende a luta para que o mesmo aconteça esse, habilmente, já descolonizado pela América Latina aparece dando ares críticos ao que chamamos de diálogo Sul-Sul (BALLESTRIN, 2013, p. 97) de genuína fronteira-sul. Como os meandros de discussão que aqui manejo/manejamos apresenta indubitavelmente a América Latina – como plano crítico-epistêmico – atravessamos essa leitura para apresentar – ao que melhor se intitula – o que versa o conceito de momento para consolidar os liames preditos,

logo o passo de discussão entorna-se pelos vieses do pós-ocidentalismo como legado de América Latina, nossa América Latina contemporânea, portanto descolonial.

Já arguido que nossa tomada crítico-epistemológica emolda-se no espaço-fronteira – lócus – como a necessidade do biolócus (NOLASCO, 2018, p. 12) para competência discursiva do que apresento. Nessa curvatura minuciosa que propomos discernir e disseminar, se faz proposital a tomada epistemológica da crítica biográfica fronteiriça justificando o encontro do meu eu-sensível-epistêmico do lugar fronteiriço onde vivo – lócus – (América Latina), do lugar onde penso (América Latina), do lugar que escrevo (América Latina), por esses entre-lugares-epistêmicos que nos justifica e nos qualifica para propositar o que estamos vislumbrando como corpo-epistêmico de um ser negociante:

La teórica nicaragüense Ileana Rodríguez, cofundadora del Grupo de Estudios Subalternos, muestra que la lógica de la dominación occidental posee siempre "otra cara", que es donde se localiza el subalterno y sus estrategias de negociación con el poder. El subalterno no es, pues, un sujeto pasivo, "hibridizado" por una lógica cultural que se le impone desde afuera, sino un sujeto negociante, activo, capaz de elaborar estrategias culturales de resistencia y de acceder incluso a la hegemonía (MIGNOLO, 1988, p. 16-17).

Bastante característico o que estamos propondo a refletir, assim, ganhamos quiçá esse tom negociante que tanto revela a nossa importante questão em debate. Demos então essa outra cara como legítimo subalterno-

epistêmico-brasileiro promovendo a perspectiva ocidental para antever o que – provavelmente – estaria além do contemporâneo em se tratando de conceitos-críticos-epistêmicos.

Somos, portanto dessa visada, dessa geração de uma epistemologia de fronteira (MIGNOLO, 1988, p. 39), nossa América então passa a ser um Novo Mundo neste chão pós-ocidental advindo dessa nova América Latina, ou seja, nossos *loci* Brasil/Bolívia/Paraguai que, com atravessamento bastante próximo, são nutridos por essa mesma tensão crítico-biográfica fronteiriça. Para que possamos saltar – por entre a visada latino-americana – ocidentalmente falando, precisamos aqui, apresentar os cenários cumpridos e piamente instaurados pela convencional-estática-inflexível modernidade até no plano de discussão que parte sempre do eixo-sul Brasil (MIGNOLO, 2005, p. 04). Devemos aqui reconhecer – epistemologicamente – que a partida para um compromisso epistemológico aqui se vale da necessidade de ampliação crítico-epistêmica que está adiante ainda, a frente do período do renascimento europeu, sobretudo pela requalificação corpo-política:

Em ambos os casos, a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e dos desejos epistêmicos foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação à razão. Assim foi configurada a enunciação da epistemologia ocidental, e assim era a estrutura da enunciação que sustentava a matriz colonial. Por isso, o pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz

colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais (SPIVAK, 2010, p. 118).

Como apontamos, a perda da força acadêmico-eurocêntrica nos deu a liberdade construtiva do módulo corpo-político subalterno (SPIVAK, 2010, p. 118) tracejado agora com voz e credibilidade genuinamente latino-americana (des)britanizada. Como a visão descolonial requer essa visada do sujeito ser e possuir conhecimentos descoloniais e participar de instituições descoloniais, abramos essa solidez também para, após anunciar nosso biolocus-fronteiriço-epistêmico, assim corroborar com essas leituras cujo pertencimento ao grupo de pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do professor doutor Edgar César Nolasco, fecham aqui, o entrecho-cíclico-epistêmico das requisições (MIGNOLO, 2005, p. 06), em que agora permeado estamos para contribuir de maneira epistemologicamente-crítica distante dos desdobramentos modernos, mas atravessado pela criticidade do nosso biolocus latino-americano-fronteiriço-decolonial, ou seja, por uma visada que não parte do centro, mas da periferia, do sul decolonial, da nossa América Latina. Logo, retomamos a questão obrigatória de exterioridade (NOLASCO, 2018, p. 13), pois, se o nosso panóptico-epistêmico – aquele espiral vago dentre-edifício – ainda não foi preenchido, cá a deixa epistêmico-descolonial, cuja tomada externa dar-nos-á a criticidade interna, por isso a exterioridade (MIGNOLO, 2005, p. 12) (eixo predial

fora do panóptico-epistêmico) deverá – em sensível consciência da sua voz fronteiriça-imigrante buscar – por opção – esse preenchimento, essa perspectiva *outra*, essa tomada decolonial iluminados pelo panóptico-sol-epistêmico advindo pela vidraça que circunda o prédio-epistêmico-de-escada-espiral. Aqui cumpro a etapa-epistêmica de apresentar o nosso transeunte-subalterno-epistêmico de fronteira (DUSSEL, 2004, p. 68) de chão latino.

Consideramos obrigatória a prática de que o ponto de partida – crítico-epistêmico – esteja alicerçado na investigação que busque justificar e compreender os caminhos para desvendamento dos desafios coloniais que hoje nos deparamos. Permitir ou dar espaço para o manifesto-crítico-epistêmico do subalterno (SPIVAK, 2010, p. 23) não se torna inalcançável quando o toque preambular da discussão circunvale ao propósito da descolonialidade (MIGNOLO, 2017, p. 13). Dessarte, ao posto aqui, a descolonialidade – por ter nascida do ventre-epistêmico de Terceiro Mundo, munida está do direito dialético-interacionista com o mundo contemporâneo (MIGNOLO, 2017, p. 18), em que seus filhos-nativos, ora, marginais/periféricos/fronteiriços/subalternos, têm sim, espaço dialético e poder para tal debate hodierno.

É indubitavelmente aceitável quando dizemos que o indivíduo-subalterno-epistêmico deve ter espaço-enunciativo e, sobretudo, representatividade em seu manifesto, em seu debate-epistêmico. Ora, se esses são – somos – filhos do Terceiro Mundo (MIGNOLO, 2017, p. 14), genuinamente não marginais (OLIVEIRA, 2011, p. 31) por existência e, por isso, instauramos aqui uma sensível projeção. Se o indivíduo-

epistêmico-dialogal é deveras subalterno, logo, filho de Terceiro Mundo, sua percepção concomitantemente é descolonial, dessa maneira, seu olhar passa agora desprender-se (MIGNOLO, 2017, p. 19) da perspectiva eurocêntrica, moderna, acadêmica, dando-nos a possibilidade da visada epistêmica que parte da margem, que nasce da margem e que habita a margem e, principalmente que enuncia da margem:

De tal forma, uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação “a má sorte” de ter nascido onde nasceu, então desprenda-se. Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar-se (MIGNOLO, 2017, p. 19).

Valemo-nos aqui em postura epistêmica afirmar que essa opção decolonial se configura como opção *outra*, mas principalmente, uma opção que não se ancora nas-outras-postas, ou seja, ela se vale por ela mesma, não se coaduna com organizações crítico-literárias já instauradas, já existentes na órbita epistemológica. Nesse constructo científico a epistemologia de fronteira ou epistemologia *fronteriza* apresenta ao crítico-investigador essa permissibilidade acadêmica, essa possibilidade que perpassa por entre-lugares (DIAS, 2006, p. 3180) o que conceituamos também como teorização fronteiriça. Aqui entendemos e por isso apresentamos o porquê do subjetivar-

se (MIGNOLO, 2017, p. 19). Subjetivar ou subjetivizar cumpre total analogia ao nosso verbo-irregular-epistêmico, da possibilidade de flexibilizar, ou seja, dispensar qualquer rigidez, qualquer regularidade-tradicional. Pela natureza epistêmica que consideramos, dizemos que subjetivar-se significa tornar pessoal, revir ao seu eu-epistêmico, resilir ao posto, dar crédito ao pessoal, ao individual à sensibilidade do investigador científico.

Afastando-nos de qualquer trivial achismo, afirmamos que o subjetivar-epistêmico decola de uma posição (DUSSEL, 2004, p. 68) genuinamente perscrutada, avaliada, sentida e apreciada para trazer a mim/a você, sua forma direta de dizer e manifestar epistemologicamente o meu/seu eu-epistêmico-fronteiriço. Fazemos valer aqui que até a transitividade do verbo é amiga dessa leitura crítica, trata-se de um verbo transitivo direito e nós – dessa visada epistêmico-*fronteriza* – optamos por dizer que elegemos a decolonialidade (MIGNOLO, 2017, p. 15), desse modo afirmamos de maneira direta – indubitável – que nesse diálogo (DUSSEL, 2004, p. 59) utilizamos o nosso verbo-transitivo-epistêmico.

Quando declaramos e consideramos que a leitura-crítica cujo caminho transitável deve ser o da semelhança-na-diferença justificamos habilmente essa assertiva. As compreensões e apreciações nessa linha partem não unicamente de um ponto, mas sim de várias direções e temporalidades regionais possíveis, ou seja, o pensamento subalterno dos estudos latino-americanos (MIGNOLO, 2003, p. 271). A contribuição de autores latinos nessa criticidade contemporânea-decolonial é também assinalada por autores não

latinos analogamente ao processo transmodernidade. Retomamos a leitura epistêmica da transmodernidade (DUSSEL, 2004, p. 63) para situar que essa decifração-teórica justifica a leitura da participação subalterna (GROSFUGUEL, 2010, p. 116) na contribuição-crítica-cultural do Terceiro Mundo. A transmodernidade examinada aqui nos apresenta esse olhar do ir além, do desprender-se para noutros olhares então reconhecer que lealdade decolonial não fundamenta uma teorização cujos polos de consulta estejam lá na esfera da modernidade (GROSFUGUEL, 2010, p. 132). Na busca por essa resposta ao que tange nossa teorização trazemos aqui esse excerto contributivo:

Ao invés de rejeitarem a modernidade para se recolherem num absolutismo fundamentalista, as epistemologias de fronteira subsumem/redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações económicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica (GROSFUGUEL, 2010, p. 138).

O pensamento de fronteira é com certeza o maior dos caminhos para se pensar no eixo crítico-epistêmico contemporâneo (FREITAS, 2019, p. 73). Por conseguinte a nossa percepção – sobre essa visada – nos qualifica para o que conceituamos de movimento contemporâneo decolonial, ou seja, a ruptura catedrática para amalgamar os ritos contemporâneos como a tomada de partida, de criticidade, de leitura, da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2018, p. 15) que muito nos apraz em experienciar, sobretudo por viver, sentir, pensar a América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 133).

O movimento contemporâneo – característico do cenário hodierno – pode se revelar como um período transitivo de conceptualização decolonial ou razão subalterna (MIGNOLO, 2003, p. 138), em que explicamos o porquê da analogia. A contemporaneidade ou ainda melhor, o nome contemporâneo oriundo do latim *contemporanĕus* normativamente significa: “que é do mesmo tempo”, ou melhor, traduzimos aqui, que acontece simultaneamente. Por isso o subjetivar-se sugerido por nós aqui, logo, (re)utilizamos então o meu verbo-transitivo-subjetivo-epistêmico para desobedecer/desteORIZAR e re-teorizar (NOLASCO, 2018, p. 19) com a contribuição seguir:

Isso sugere que Mignolo, valendo-se de um esquema conceitual estabelecido nos topos decolonial, absorve e acumula essas experiências, interpretando-as como paradigmáticas. Ou seja, delineadas a partir de seu caráter corrosivo em relação à colonialidade e expressas nas figuras desses pensadores, elas dão uma forma acentuada ao

que se quer como um novo “lôcus de enunciação”, paradoxalmente, aberto, pluriversal. A estratégia reiterativa que se vê ao longo das obras de Mignolo assume, assim, um caráter didático: apresentar as boas práticas que esse tipo de pensador decolonial ensina e que podem servir de base a processos semelhantes de desenganchamento de povos e grupos que enfrentam os desafios colocados pela face mais atual da colonialidade. É aqui que entra a importância em retratar também casos análogos mais contemporâneos de desobediência epistêmica (FREITAS, 2019, p. 128).

Então considerando a América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 140) como o lócus mais abrangente da subalternidade, o que conceituamos como movimento contemporâneo decolonial versará essa fugacidade moderna traduzindo – desobedientemente – a simultaneidade-epistêmica. Aqui, explicamos essa interrogação latina. Se o conceito de descolonialidade emergiu com a leitura subalterna, enquanto o centro tinha força e plenitude crítica, não havia discussão que fugisse desse lócus europeu. A partir do momento em que o centro deixa de ser consultado por parte da crítica – epistemologicamente falando – que a voz periférica aparece, embora sempre existisse. Como o Brasil, nessa linha do Cone Sul é marginal quanto a sua posição, nossa neutralidade temporal se justifica por aqui. Neutralidade essa que já acabou, pois agora podemos enunciar propondo esse diálogo Sul-Sul fortalecendo a nossa criticidade latina, ou seja, a nossa latinidade, desenlace e resultado desta pesquisa que estamos apresentando.

Nossa proposta aqui é de se justificar a posição da América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 141) nesse percurso pós-colonial, para isso, entendemos como importante frisar que a teorização pós-colonial carrega consigo um forte e coeso multiculturalismo (DUSSEL, 2004, p. 57). A libertação (BALLESTRIN, 2013, p. 98) ou sua autonomia estão e são inerentes à liberdade da participação subalterna (GROSGOUEL, 2010, p. 137) desde os facundos monetários até mesmo a face religiosa (QUIJANO, 2005, p. 09) e também pela compreensão da educação além das memórias, peças que não estão apenas no passado, mas de certa forma nos proporcionaram registro memorialístico.

Desde os incipientes capítulos dos anos 2000 germinava (isso mesmo, no pretérito imperfeito, pois não sabemos do seu desfecho, quando nos referimos à decolonialidade) junto comigo a obra de Aníbal Quijano "*Colonialidad y modernidad-racionalidad*" (MIGNOLO, 2003, p. 86). Hoje – em nosso movimento contemporâneo decolonial – compreendemos a obra desde a sua nomenclatura, principalmente pelos termos inicial e final. No incipiente vocábulo a palavra colonialidade – assim traduzida – aparece com o toque de nos convidar à pesquisa pelos espaços investigativos da epistemologia. Dela podemos enunciar – como homem-fronteiriço – para a outra importante locução do título: racionalidade, assim também traduzida.

Nessa esteira epistemológica percebemos que o eu-epistêmico-fronteiriço e a leitura crítico-literária obras como a do autor Aníbal Quijano. A racionalidade tem sido a sustentação para o caminho de se

perceber as crises epistemológicas da América Latina, ou seja, a ruptura com a respectiva do moderno (MIGNOLO, 2003, p. 97) não foi abrupta, porém está sendo – paulatinamente – encontrada pelos meandros decoloniais. Foi, por assim dizer, que a América dos espanhóis, eixo-expoente-subalterno precisou esperar para que sua posição de liberdade e de interação fosse disposta na contemporaneidade.

Essa dimensão ficou mais clara a partir da leitura de um livro de Walter Mignolo, "*La Idea de América Latina*" (2007). Nele, em um estilo bastante politizado, o autor busca enfatizar a ideia da "invenção" da América e, posteriormente, da América Latina. Argumenta que um "ocidentalismo" (MIGNOLO, 2003, p. 82), um lócus de enunciação, um lugar epistemológico, funciona como um arquétipo mutável, mas perene a partir do qual esse lado do mundo foi sendo compreendido. Sua intenção é crítica, revelar o poder dessa perspectiva europeia, mas também positiva, afirmando ser possível desvelar obras e autores que conseguiram ser inovadores no modo de conceber as suas realidades, inaugurando, assim, um "pensamento novo" (MIGNOLO, 2007, p.136). Sua intervenção teórica e política se incluíam nesse corpus e representaria o que havia de mais original e moderno na reflexão sobre e a partir da América Latina (FREITAS, 2019, p. 22).

Aqui na visada de apuração descolonial, esse perfil logo precisa ser instaurado para que se concretize a personalidade do eu-epistêmico do outro pensamento. Considero que a subalternidade latino-americana é instaurada como problemática-contemporâneo-epistêmica trazendo

assim, para mim/você um introito decolonial para se pensar, (MIGNOLO, 2003, p. 19) – avaliando as histórias locais – imbuídos da certeza de que a teorização subalterna (SPIVAK, 2010, p. 70) subjetiva-nos (MIGNOLO, 2017, p. 19) ao desprendimento da razão (MIGNOLO, 2003, p. 102) arcaico-moderna. Por isso parto da exterioridade como norteador, ou melhor, como ponto de partida para o pensamento outro (MIGNOLO, 2003, p. 104) preenchendo o meu/nosso eu-epistêmico-sensível-fronteiriço libertos para se enunciar fora da perspectiva moderna, mas sim, de uma partícipe-criticidade latino-americana cuja motricidade-enunciativa esvai-se da sensibilidade decolonial onde o sul-epistemológico é ponto de partida que atravessa o corpo fronteiriço pelo (des)cortinar e o (des)britanizar para um sentimento *outro*.

As *experivivências* dão ao corpo-latino-fronteiriço a capacidade dialogal cuja latinidade crítica permite que nós – homens-fronteira – subjetivamos num escantear epistemológico a compreensão contemporânea decolonial que nos circunda. Nessa corroborada reflexão, dizemos que o pensamento moderno não é descartado pela crítica hodierna, mas – sobremaneira – posto como não utilizável-pela-crítica-latina para cuidar/amparar/enunciar as tensões latino-americanas, sobretudo, as perspectivas científico-epistemológicas pela crítica biográfica fronteiriça no que tange a esfera epistêmica das tomadas enunciativas que grassam no Cone-Sul a qual pertencemos, vivemos, sentimos e manifestação o nosso bradar crítico-epistemológico no tríade fronteiriça: Brasil, Bolívia e Paraguai pelos esteios sulistas que nos cabem, logo, nossa criticidade manifesta-se pela visada

outra, pelo corpo-enunciativo-descolonial. Os transeuntes subalternos habitantes das fronteiras erigem através do corpo-político-periférico, sua criticidade epistemológica a partir do sul decolonial, por melhor dizer, com e a partir dos atravessamentos latino-americanos enaltecendo ancoragens epistemológicas não com visado de centro, mas com abordagens crítico-sinestésicas que emergem do sul, da América Latina.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, v.2, n. 11, p. 89-117, 2013.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS BIOGEOGRÁFICOS: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas**. 2018. Disponível: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>. Acessado em 13/06/2020.

DIAS, Belidson. **Uma epistemologia de fronteiras: minha tese de doutorado como um projeto a/r/tográfico**. 2006. Disponível: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/belidson_dias_bezerra_junior.pdf. Acessado em 14/06/2020.

DUSSEL, E. **Transmodernidade e Interculturalidade** (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

FREITAS, Altier Dias de. **Entre o “ironista” e o “decolonial”**: um

estudo pragmatista de Walter Mignolo. 205 f. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal De Pernambuco. Recife, 2019.

GROSFUGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

MIGNOLO, Walter. **Habitar la frontera:** sentir y pensar la descolonialidad (antologia 1999-2014). Francisco Carballo y Luis Alfonso Herrera Robles (org.). Barcelona: Editora Fundación CIBO, 2015.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje.** 2017. Disponível: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acessado em 13/06/2020.

MIGNOLO, Walter. **A Colonialidade de Cabo a Rabo:** o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgard (org.). *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MIGNOLO, Walter. **Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina.** In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (org.). *Teorías sin disciplina*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1988, s/p.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. **Descolonizando a pesquisa acadêmica.** 2018. Disponível: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acessado em 20/05/2020.

OLIVEIRA, Rejane P. de. **Literatura marginal:** questionamentos à teoria literária. 2011. Disponível: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>. Acessado em 13/06/2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.